## **PROBLEMA MORAL - OS CANIBAIS**

**U**m de nossos assinantes dirigiu-nos a seguinte pergunta...

***“O****s Espíritos errantes, depois de um lapso de tempo mais ou menos longo, desejam e pedem a Deus a reencarnação como meio de progresso espiritual. Escolhem as provas e, usando o livre-arbítrio, elegem naturalmente aquelas que lhes parecem mais apropriadas a esse progresso, no mundo onde a reencarnação lhes é permitida. Ora, durante sua existência errante, que empregam em instruir-se (são eles que nos dizem), ficam sabendo quais as nações que melhor podem fazê-los atingir o fim a que se propõem. Veem populaças ferozes, antropófagas e têm a certeza de que, nelas encarnando, tornar-se-ão ferozes e comedores de carne humana. Seguramente não é nesse meio que haverão de realizar o progresso espiritual; seus instintos brutais apenas terão adquirido mais consistência pela força do hábito. Eis então prejudicado o seu objetivo, quanto à escolha das encarnações entre tal ou qual povo.*

***“O*** *mesmo acontece com certas posições sociais. Entre estas, certamente há as que apresentam obstáculos invencíveis ao progresso espiritual. Citarei apenas os magarefes nos matadouros, os carrascos, etc. Dizem que tais criaturas são necessárias: umas, porque não podemos passar sem alimentação animal; outras, porque é preciso executar as decisões da justiça, requeridas pela nossa organização social. Não é menos verdade que, reencarnando no corpo de uma criança destinada a abraçar uma ou outra dessas profissões, deve o Espírito saber que envereda por caminho errado e que se priva voluntariamente dos meios que o podem conduzir à perfeição. Não poderia acontecer, com a permissão de Deus, que nenhum Espírito quisesse esses gêneros de existência e, então, qual a necessidade dessas profissões em nosso estado social?”*

**(...) S**abemos que nossos próprios antropófagos não se encontram no último degrau da escala e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade não têm analogia na Terra. Esses Espíritos ainda são inferiores aos mais atrasados Espíritos de nosso mundo e, renascer entre nossos selvagens é, para eles, um progresso. (...) O Espírito não pode avançar senão gradualmente; (...) Ele não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização, como o escolar não pode ser promovido, sem transição, do á-bê-cê à retórica. (...) Em razão de sua inteligência limitada, não compreendem o que é melhor senão do seu ponto de vista e dentro de estreitos limites. Há, entretanto, alguns que se transviam por quererem subir muito alto, e que nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização. Estes, voltando entre os canibais, lucrarão ainda.

**(...) Q**uanto à questão de saber em que se tornariam essas profissões, caso nenhum Espírito as quisesse abraçar, está respondida pelos fatos. Desde que os Espíritos que as alimentam procedem de mais baixo, não se deve temer o desemprego. Quando o progresso social permitir a supressão do ofício de carrasco, desaparecerá essa classe e não os candidatos, que se irão apresentar entre outros povos ou em outros mundos menos adiantados.

***Revista Espírita – Ano II – Abril de 1859***

## **POVOS DEGENERADOS**

**786.** Mostra-nos a História que muitos povos, depois de abalos que os revolveram profundamente, recaíram na barbaria. Onde, neste caso, o progresso? “Quando tua casa ameaça ruína, mandas demoli-la e constróis outra mais sólida e mais cômoda. Mas, enquanto esta não se apronta, há perturbação e confusão na tua morada.”

“Compreende mais o seguinte: eras pobre e habitavas um casebre; tornando-te rico, deixaste-o, para habitar um palácio. Então, um pobre diabo, como eras antes, vem tomar o lugar que ocupavas e fica muito contente, porque estava sem ter onde se abrigar. Pois bem! aprende que os Espíritos que, encarnados, constituem o povo degenerado não são os que o constituíam ao tempo do seu esplendor. Os de então, tendo-se adiantado, passaram para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto os outros, menos adiantados, tomaram o lugar que ficara vago e que também, a seu turno, terão um dia que deixar.”

**787.** Não há raças rebeldes, por sua natureza, ao progresso? “Há, mas vão aniquilando-se corporalmente, todos os dias.”

**a -** Qual será a sorte futura das almas que animam essas raças? “Chegarão, como todas as demais, à perfeição, passando por outras existências. Deus a ninguém deserda.”

**b -** Assim, pode dar-se que os homens mais civilizados tenham sido selvagens e antropófagos? “Tu mesmo o foste mais de uma vez, antes de seres o que és.”

**788.** Os povos são individualidades coletivas que como os indivíduos, passam pela infância, pela idade da madureza e pela decrepitude. Esta verdade, que a História comprova, não será de molde a fazer supor que os povos mais adiantados deste século terão seu declínio e sua extinção, como os da Antiguidade? “Os povos, que apenas vivem a vida do corpo, aqueles cuja grandeza unicamente assenta na força e na extensão territorial, nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se exaure, como a de um homem. Aqueles, cujas leis egoísticas obstam ao progresso das luzes e da caridade, morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas, para os povos, como para os indivíduos, há a vida da alma. Aqueles, cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador, viverão e servirão de farol aos outros povos.”

**789.** O progresso fará que todos os povos da Terra se achem um dia reunidos, formando uma só nação? “Uma nação única, não; Seria impossível, visto que da diversidade dos climas se originam costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades, tornando indispensáveis sempre leis apropriadas a esses costumes e necessidades. A caridade, porém, desconhece latitudes e não distingue a cor dos homens. Quando, por toda parte, a lei de Deus servir de base à lei humana, os povos praticarão entre si a caridade, como os indivíduos. Então viverão felizes e em paz, porque nenhum cuidará de causar dano ao seu vizinho, nem de viver a expensas dele.”

A Humanidade progride, por meio dos indivíduos que pouco a pouco se melhoram e instruem. Quando estes preponderam pelo número, tomam a dianteira e arrastam os outros. De tempos a tempos, surgem no seio dela homens de gênio que lhe dão um impulso; vêm depois, como instrumentos de Deus, os que têm autoridade e, nalguns anos, fazem-na adiantar-se de muitos séculos.

O progresso dos povos também realça a justiça da reencarnação. Louváveis esforços empregam os homens de bem para conseguir que uma nação se adiante, moral e intelectualmente. Transformada, a nação será mais ditosa neste mundo e no outro, concebe-se. Mas, durante a sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem todos os dias. Qual a sorte de todos os que sucumbem ao longo do trajeto? Privá-los-á, a sua relativa inferioridade, da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou também relativa será a felicidade que lhes cabe? Não é possível que a justiça divina haja consagrado semelhante injustiça. Com a pluralidade das existências, é igual para todos o direito à felicidade, porque ninguém fica privado do progresso. Podendo, os que viveram ao tempo da barbaria, voltar, na época da civilização, a viver no seio do mesmo povo, ou de outro, é claro que todos tiram proveito da marcha ascensional.

Outra dificuldade, no entanto, apresenta aqui o sistema da unicidade das existências. Segundo este sistema, a alma é criada no momento em que nasce o ser humano. Então, se um homem é mais adiantado do que outro, é que Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que esse favor? Que merecimento tem esse homem, que não viveu mais do que outro, que talvez haja vivido menos, para ser dotado de uma alma superior? Esta, porém, não é a dificuldade principal. Se os homens vivessem um milênio, conceber-se-ia que, nesse período milenar, tivessem tempo de progredir. Mas diariamente morrem criaturas em todas as idades; incessantemente se renovam na face do planeta, de tal sorte que todos os dias aparece uma multidão delas e outra desaparece. Ao cabo de mil anos, já não há naquela nação vestígio de seus antigos habitantes. Contudo, de bárbara, que era, ela se tomou policiada. Que foi o que progrediu? Foram os indivíduos outrora bárbaros? Mas, esses morreram há muito tempo. Teriam sido os recém-chegados? Mas, se suas almas foram criadas no momento em que eles nasceram, essas almas não existiam na época da barbaria e forçoso será então admitir-se que os esforços que se despendem para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar almas imperfeitas, porém de fazer que Deus crie almas mais perfeitas.

Comparemos esta teoria do progresso com a que os Espíritos apresentaram. As almas vindas no tempo da civilização tiveram sua infância, como todas as outras, mas já tinham vivido antes e vêm adiantadas por efeito do progresso realizado anteriormente. Vêm atraídas por um meio que lhes é simpático e que se acha em relação com o estado em que atualmente se encontram. De sorte que, os cuidados dispensados à civilização de um povo não têm como consequência fazer que, de futuro, se criem almas mais perfeitas; têm, sim, o de atrair as que já progrediram, quer tenham vivido no seio do povo que se figura, ao tempo da sua barbaria, quer venham de outra parte. Aqui se nos depara igualmente a chave do progresso da Humanidade inteira. Quando todos os povos estiverem no mesmo nível, no tocante ao sentimento do bem, a Terra será ponto de reunião exclusivamente de bons Espíritos, que viverão fraternalmente unidos. Os maus, sentindo-se aí repelidos e deslocados, irão procurar, em mundos inferiores, o meio que lhes convém, até que sejam dignos de volver ao nosso, então transformado. Da teoria vulgar ainda resulta que os trabalhos de melhoria social só às gerações presentes e futuras aproveitam, sendo de resultados nulos para as gerações passadas, que cometeram o erro de vir muito cedo, e que ficam sendo o que podem ser, sobrecarregadas com o peso de seus atos de barbaria. Segundo a doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores aproveitam igualmente as gerações pretéritas, que voltam a viver em melhores condições e podem assim aperfeiçoar-se no foco da civilização. (222.)